



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ELYZABETH SOUZA E SILVA

**A VERDADEIRA OBSCENIDADE EM LORI LAMBY: AS ALEGORIAS  
POR ENTRE AS LINHAS DO CADERNO**

JOÃO PESSOA - PB

2021.1

MARIA ELYZABETH SOUZA E SILVA

**A VERDADEIRA OBSCENIDADE EM LORI LAMBY: AS ALEGORIAS  
POR ENTRE AS LINHAS DO CADERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

JOÃO PESSOA - PB

2021.1

**Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

S586v Silva, Maria Elyzabeth Souza e.

A verdadeira obscenidade em Lori Lamby: as alegorias  
por entre as linhas do caderno / Maria Elyzabeth Souza  
e Silva. - João Pessoa, 2021.

37 f.

Orientador: Hermano de França Rodrigues.  
Monografia (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2021.

1. Hilda Hilst. 2. Literatura brasileira. 3.  
Literatura erótica. 4. Lori Lamby. 5. Alegorias. I.  
Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 821.134.3(81)

MARIA ELYZABETH SOUZA E SILVA

**A VERDADEIRA OBSCENIDADE EM LORI LAMBY: AS ALEGORIAS  
POR ENTRE AS LINHAS DO CADERNO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_ /\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Jhonatan Leal da Costa  
(Examinador)

---

Prof. Me. Matheus Pereira de Freitas  
(Examinador)

Dedico este trabalho à minha mãe (*in memoriam*), Maria Inácia, que sempre me apoiou. A senhora segue sendo um grande exemplo de determinação e força.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha mãe (*in memoriam*), Maria Inácia, que sempre investiu tanto em minha educação e me apoiou durante toda a minha formação. Agradeço por todo o incentivo e amor que me foram dados ao longo dos anos.

Agradeço à minha irmã Vitória por ser e sempre ter sido uma grande amiga com quem pude contar nos bons e maus momentos. Mesmo com nossas diferenças, sempre esteve ao meu lado para me incentivar e me dar conselhos e broncas quando necessário.

Agradeço ao meu primo Rodrigo por me ajudar e por me propiciar momentos de descontração que me fizeram relaxar durante esse processo.

Agradeço à Nadilza por sempre cuidar de mim e por todo o suporte e encorajamento que tem me dado ao longo da vida.

Agradeço, de forma geral, às amigas que fiz ao longo da graduação. Sem vocês, encararia um caminho longo e maçante. Obrigada por fazerem parte das melhores lembranças que carrego do meu período na universidade. Em especial, agradeço à minha amiga Yasmin por ser tão presente em minha vida. Obrigada por sempre me ouvir e me estimular. Obrigada também por me sugerir a leitura de Hilda Hilst e me apresentar à Lori Lamby.

Agradeço às minhas amigas de longa data Fernanda e Maria Clara, com quem compartilho os melhores e piores momentos há quase dez anos. Obrigada pelos conselhos e pelo afeto incondicional que me é dado. Sou extremamente grata por tê-las em minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer às professoras e professores com quem cruzei ao longo da graduação, em especial ao professor Hermano, que aceitou me orientar neste trabalho e, antes disso, ministrou excelentes aulas de literatura que enriqueceram o meu aprendizado. Obrigada pelas contribuições e ensinamentos.

*Cantando amor, os poetas na noite  
Repensam a tarefa de pensar o mundo.  
E podeis crer que há muito mais vigor  
No lirismo aparente  
No amante Fazedor da palavra*

*Do que na mão que esmaga.*

*(Hilda Hilst)*

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a utilização do erótico e do pornográfico enquanto alegorias no livro *O Caderno Rosa* de Lori Lamby, de Hilda Hilst. Publicado em 1990, o livro provocou polêmicas ao apresentar um forte teor sexual e uma abordagem extremamente problemática da pedofilia. Apesar da temática pornográfica, a autora buscava propor reflexões acerca do caráter arbitrário do mercado editorial. Para isso, utilizou-se da pornografia e do erótico como ferramentas de confronto. Nossa análise se baseia no trabalho de Massaud Moisés (2004) para entender o funcionamento das alegorias e como elas se manifestam no texto hilstiano. Além disso, utilizamos os trabalhos de Moraes (2008) e Borges (2009) para entender o caráter transgressor e revolucionário da obra de Hilda e para perceber como se dá a construção do texto metanarrativo em Lori Lamby, verificando como ele reflete a relação da própria autora com o mercado editorial.

**Palavras-chave:** Hilda Hilst. Literatura erótica. Lori Lamby. Alegorias.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the use of the erotic and pornographic elements as allegories in the book "O Caderno Rosa de Lori Lamby" ("Lori Lamby's Pink Notebook"), authored by Hilda Hilst. Published in 1990, the book sparked controversy for presenting heavy sexual content and a highly problematic approach to pedophilia. Despite its pornographic theme, the author sought to analyze the arbitrary nature of the publishing industry, thus, the use of pornography and erotic as means of confrontation. This paper's inquiry is based on Massaud Moisé's work (2004) in order to understand how the mentioned allegories work and how they appear in Hilda Hilst's writing. Furthermore, the works of Moraes (2008) and Borges (2009) were also used to understand the transgressive and revolutionary aspect of Hilst's work, and to comprehend the construction of a meta narrative text in "Lori Lamby's Pink Notebook", attesting how it reflects the author's own relationship with the publishing industry.

**Key words:** Hilda Hilst. Erotic Literature. Lori Lamby. Allegories.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A PORNOGRAFIA EM HILDA HILST.....</b>	<b>12</b>
2.1 Um pouco sobre a história da pornografia.....	12
2.2 Erótico X Pornográfico: uma dicotomia controversa .....	14
2.3 A obscenidade transgressora de Hilda Hilst .....	15
2.4 A pedofilia em Lori Lamby .....	17
<b>3 UM POUCO SOBRE A ESCRITA DE HILDA HILST .....</b>	<b>18</b>
3.1 Quem foi Hilda Hilst?.....	18
3.2 Crítica sobre o mercado editorial.....	20
<b>4 ANALISANDO <i>O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY</i> .....</b>	<b>22</b>
4.1 Síntese da obra.....	22
4.2 As epígrafes do caderno.....	23
4.3 A língua em Lori Lamby .....	24
4.4 As alegorias do Caderno Rosa .....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Se hoje a pornografia ainda é causadora de calorosos debates, em 1990, com a publicação de *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, Hilda Hilst deu um soco no estômago da sociedade brasileira ao voltar-se contra o mercado editorial que, por tanto tempo, marginalizou o seu projeto literário. Recebida em meio a inúmeras divergências entre os seus leitores e a crítica, a chamada *Tetralogia Obscena* marca um novo momento para a sua escrita.

“A santa levantou a saia”, disse ela na ocasião. Sempre muito irreverente e ácida, a autora de *Jubilo*, *Memória*, *Noviciado da Paixão*, indubitavelmente, possui uma das escritas mais polêmicas da literatura brasileira. No entanto, não se pode reduzir Hilda a uma escritora que sobrevive graças às suas controvérsias. Para além disso, ela possui uma obra rica em questionamentos e que exigem do seu leitor uma leitura profunda e reflexiva.

Aventurando-se em uma literatura de cunho erótico, Hilst arriscou alto ao mudar o rumo da sua escrita para alcançar novos objetivos. Em diversos momentos, munida de um tom irônico, Hilda enfatizava que a sua entrada nessa nova vertente literária nada mais era do que uma estratégia mercadológica para alcançar o seu lugar nas prateleiras e, enfim, conseguir alguns lucros que a permitisse viver bem a partir de sua obra.

Por trás de tudo isso, o seu verdadeiro desejo era ser compreendida pelo grande público. Saindo dos seus livros sérios, como eram denominados pela própria, que eram apontados como a causa para tamanha incompreensão do seu trabalho, Hilda escolheu uma vertente tão marginal e inferior quanto a erótica para se fazer entender, para se fazer ouvir.

*O Caderno Rosa de Lori Lamby*, na necessidade de se rotular perspectivas primevas, pode ser classificado como um livro pornográfico. Utilizando-se de um vocabulário bastante explícito, Hilda Hilst nos entrega uma obra repleta de carga sexual em que faz um jogo perigoso com a temática da pedofilia. Nele, deparamo-nos com relatos que, para alguns leitores, podem até ser considerados ultrajantes, mas que serviram para afrontar uma sociedade moralista e hipócrita e causar um impacto que reverbera até os dias de hoje.

Provocando um impacto ainda maior em seu leitor, a pequena Lori, é construída sem nenhum pudor e despida de preconceitos. Ela traz consigo um grande amor pela língua, seja ela o instrumento linguístico ou o órgão anatômico. Além disso, a criança de apenas 8 anos apresenta um grande apreço pelas coisas materiais e pelo dinheiro.

Apesar de ter sido considerado como “controverso” e “polêmico”, o *Caderno Rosa* nos faz uma entrega que vai além das linhas do diário de Lori Lamby, ele nos mostra um novo lado

da escrita de Hilda Hilst, além de sua sapiência ao utilizar recursos linguísticos que abrigam uma crítica repleta de escárnio ao mercado editorial.

Durante entrevistas concebidas por conta do lançamento do seu livro, a autora chegou a dizer de maneira bastante irônica que Lori Lamby é um livro que humor, que ela riu ao escrevê-lo, mas, ainda assim, reconhece que não são todos os leitores que o veem dessa forma. De certo, se provocar o riso era uma de suas intenções, ela não conseguiu fazê-lo. No entanto, chega a ser cômico perceber como as críticas que recebera acabam reafirmando as inquietações levantadas por Hilda em sua obra.

Diante de tudo que era almejado pela escritora, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* ajuda a demonstrar a sua insatisfação, além de mostrar toda a sua ardileza ao escolher uma literatura inferiorizada e, por si só, polêmica para propor reflexões sobre o caráter arbitrário do mercado editorial.

A riqueza de aspectos que a obra carrega dificulta sua classificação como sendo um texto puramente pornográfico. Por entre as linhas do seu diário, Lori Lamby nos mostra a frustração de Hilda em se fazer entender. A autora, nesse ponto, entregou uma “banana” para o mercado editorial, como foi enfatizado por ela durante o lançamento do livro, e se rebelou.

Dessa forma, iremos analisar *O Caderno Rosa de Lori Lamby* considerando que Hilda Hilst utilizou o erótico e a pornografia como ferramentas para confrontar o mercado editorial. Para tanto, o objetivo principal é analisar a obra e buscar entender como a autora incorporou esses elementos à sua crítica.

Partindo de uma análise bibliográfica, faremos um breve apanhado da história da pornografia, o que nos levará para uma discussão envolvendo os conceitos do erótico e do pornográfico. Assim, também verificaremos como esses aspectos contribuíram para o caráter transgressor e revolucionário da obra hilstiana. Da mesma forma, abordaremos a temática da pedofilia para buscar entender o que acentua a polêmica envolvendo o tema em Lori Lamby.

Sobre a autora, falaremos um pouco sobre quem foi Hilda Hilst, quais as características de sua obra e qual a sua relação com o mercado editorial, que configura sua motivação para a escrita do livro abordado em nosso trabalho. No tópico da análise, no qual daremos atenção aos elementos textuais presentes no *Caderno Rosa*, vamos observar como se dá a manifestação da língua ao longo do texto. Além disso, a partir das definições apresentadas no *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, traremos uma análise dos elementos que serviram para construir a pornografia do texto enquanto uma alegoria.

Com isso, pretendemos demonstrar que a obscenidade do texto de Hilda não se manifesta por meio do texto erótico. Na verdade, o erótico e o pornográfico se caracterizam

como um recurso e não como a finalidade da autora. É a partir deles que Hilda, por meio de um texto metanarrativo, busca construir a sua crítica envolvendo o mercado editorial e as limitações em torno do fazer literário a fim de denunciar a decadência a que está destinado o escritor brasileiro que preza por sua autonomia.

Assim, olhando-o com outros olhos, teremos *O Caderno Rosa de Lori Lamby* como uma espécie de autobiografia que reflete mais de sua autora do que deixa transparecer. Ademais, esperamos contribuir para o tão almejado reconhecimento à Hilda Hilst, que mostra-se dona de uma escrita polêmica e irreverente, mas, sobretudo, transgressora e revolucionária.

## **2 A PORNOGRAFIA EM HILDA HILST**

### 2.1 Um pouco sobre a história da pornografia

É possível afirmar que a sensualidade e o erotismo podem ser encontrados em inúmeras produções literárias ao longo da história da humanidade. Isso porque é inquestionável que em todas as épocas houve interesse pelas práticas sexuais e suas representações. Por isso, tais produções caracterizam um produto que sempre irá atrair o público e, por conta disso, acaba ganhando espaço no mercado. Não é à toa que a própria Hilda Hilst adota essa temática com o intuito de ganhar dinheiro.

No entanto, apesar de estar ao alcance dos consumidores e de estudiosos, a pornografia ainda é excluída pela crítica canônica literária brasileira, pois essa não lhe atribui um valor estético. Assim, por mais que haja interesse crescente por parte do público, isso ainda não foi o suficiente para dignificar o tema. A isso podem ser somadas algumas restrições significativas que acabaram reduzindo o assunto, contribuindo para que ainda hoje as representações eróticas estejam à margem como sendo uma literatura inferior.

A pornografia, enquanto prática literária e categoria de pesquisa, surge em concomitância à emersão da modernidade no Ocidente e está relacionada a importantes momentos desse processo, como o Renascimento, o Iluminismo, a Revolução Científica e a Revolução Francesa. Hunt (1999) afirma que “os autores e gravadores pornográficos surgiram entre os hereges, livres-pensadores e libertinos de reputação duvidosa, que ocupam uma posição inferior entre os promotores do progresso do Ocidente” (p. 11).

É importante salientar que a pornografia, enquanto categoria artística, parece ser um conceito Ocidental. José Paulo Paes (2006) chama atenção para o fato de que a poesia erótica do Ocidente propõe uma reificação da mulher, o que é um reflexo de uma hegemonia de um

discurso falocêntrico. Além disso, estava relacionada ao livre pensamento, à heresia e aos ataques à autoridade política.

Logo, o seu caráter político e cultural se mostra indissociável do seu surgimento enquanto categoria de pensamento, representação e regulamentação. Entretanto, a sua regulamentação, no início do século XIX, como forma de controlar a pornografia, contribuiu para sua definição, visto que, com o aumento da depravação das representações do obsceno, surgiu também a necessidade de novas barreiras, de uma censura. De acordo com Durigan (1985):

Dentro desse quadro, a representação erótica foi e ainda costuma ser marotamente colocada a nível das coisas não sérias (ou demasiadamente sérias), rebaixada ao nível das manifestações imorais, irrelevantes, apolíticas, menores, desagregadoras e perigosas. (DURIGAN, 1985, p. 10-11)

No artigo “A Imaginação Pornográfica”, escrito em 1967, Susan Sontag apresenta um panorama sobre a insuficiência e limitação dos estudos sobre a pornografia. O que constitui um paralelo bastante atual no cenário brasileiro. Além disso, acerca do aspecto tratado por Durigan, a autora mostra que, na verdade, nunca houve uma discussão sobre a legitimação de obras de pornografia enquanto literatura.

É inegável que a pornografia compõe um ramo da literatura, no sentido de que existem livros impressos de ficção. Mas, além dessa simples relação, é como se não houvesse uma ligação entre pornografia e literatura (SONTAG, 1987). É, inclusive, bem fácil de se encontrar uma oposição bem definida entre elas.

Para a autora, um dos fatores que contribui para isso é a justificativa de que “o propósito da pornografia, a indução da excitação sexual, está em conflito com o tranquilo e desapaixonado envolvimento que evoca a genuína arte”<sup>1</sup>. Em outras palavras, a obra pornográfica possui apenas uma finalidade, enquanto a verdadeira obra de literatura contêm muitas.

Ainda de acordo com Sontag (1987), “por relativamente incomuns que possam ser, existem textos que nos parece razoável chamar de pornográficos - considerando que o rótulo batido tenha algum uso -, aos quais, ao mesmo tempo, não se pode recusar o crédito de literatura séria” (p. 42).

Isto é, considerando o ponto de vista da arte, precisamos reconhecer que alguns textos pornográficos acabam se tornando algo além disso. Como é o caso do *Caderno Rosa*, por

---

<sup>1</sup> SONTAG, Susan. *A Vontade Radical*, p. 44.

exemplo, que apesar de possuir características que possam permitir sua classificação enquanto um texto pornográfico, não tem a pornografia como foco principal da obra.

## 2.2 Erótico X Pornográfico: uma dicotomia controversa

Não é preciso avançar muito na leitura de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* para perceber o teor sexual contido na obra. A construção do texto se dá a partir de um vocabulário escrachado e vulgar, em que Lori não parece ter consciência do que seriam consideradas palavras obscenas ou proibidas. Partindo disso, a jovem relata experiências extremamente explícitas e carregadas de lascívia.

Considerando isso, é quase certo afirmar que o texto de Hilda Hilst trata-se de um texto erótico. Mas, afinal, o que é um texto erótico? Para considerarmos essa pergunta é preciso ter em vista a heterogeneidade de conceitos que a cercam, pois, definir um texto enquanto erótico é partir do pressuposto de que é possível enquadrá-lo em um conceito estático e imutável. No entanto, esse tipo de texto pode ser compreendido a partir de diferentes pontos de vista, o que contribui para a formação de uma infinidade de respostas para tal questionamento.

À princípio, é importante perceber que existe uma discrepância entre diferentes autores que abordam a sexualidade. Para alguns, embora não seja clara, existe alguma diferença entre pornográfico e erótico, enquanto que, para outros, esses termos representam a mesma coisa.

De acordo com Durigan (1985), “para complicar ainda mais, por ser um fato cultural, o texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada” (p. 7).

Logo, as representações culturais acabam se modificando e se diversificando em conformidade com a própria evolução histórica e social daqueles que as elaboraram. Assim, sendo o texto erótico uma representação cultural, é necessário levar em consideração que, como tal, ele pode ser entendido de diferentes formas a partir da época e do espaço em que está contextualizado. Dessa forma, é inegável a dificuldade em se observar uma definição nítida quando, na verdade, é inevitável a existência de definições que se entrelaçam.

Para José Paulo Paes (2006), essa distinção é inquestionável:

Supor que um poema erótico digno do nome de poema vise tão-só a excitar sexualmente os seus leitores equivale a confundi-lo com a pornografia pura e simples. [...] Efeitos imediatos de excitação sexual é tudo quanto, no seu comercialismo rasteiro, pretende a literatura pornográfica. Já a literatura erótica, conquanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser.

O que ela busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica. (PAES, 2006, p. 14-15)

Chama atenção na fala do autor a forma como ele se refere à pornografia. Estando diante de uma clara dicotomia, transparece em sua fala o caráter superior da literatura erótica em relação a uma literatura pornográfica. Ainda assim, o que está mais latente nessa fala é que, bem como a pornográfica, a literatura erótica pode “eventualmente suscitar efeitos desse tipo”, isto é, a excitação sexual. Desse modo, fica ainda mais evidente a dificuldade existente em se dissociar esses termos:

O erotismo é um modo de representação da sexualidade compatível, dentro de certos limites, com os valores reivindicados pela sociedade e dado que ele constitui uma espécie de solução de compromisso entre a repressão das pulsões imposta pelo vínculo social e sua livre expressão. Esse já não é o caso da pornografia, que não mascara suas tendências sexuais agressivas. A desvalorização do pornográfico em proveito ao erótico recebe, então, uma acolhida mais favorável. Mas quando analisamos seus respectivos funcionamentos, vemos que vale mais considerar cada qual em sua ordem própria, em vez de enxergar em um uma grosseira degradação do outro. (MAINGUENEAU, 2010, p. 32)

Ainda de acordo com Maingueneau (2010) podemos notar a atribuição de um juízo de valor com relação à temática pornográfica, colocando-a sempre abaixo do erotismo. O erótico está sempre atrelado ao erudito, enquanto a pornografia se relaciona ao chulo. Isso pode acontecer pelo fato de o erotismo estar mais atrelado ao campo estético do que a pornografia. Somado a isso, fatores ideológicos contribuem para que, à pornografia, não haja “um julgamento positivo sem fragilizar seu estatuto e a legitimidade de sua enunciação” (p. 33).

Logo, pensar em uma obra a partir desse viés é extremamente limitador, já que os conceitos de erotismo e pornografia, por vezes, cruzam-se ao longo do tempo e, desse modo, não podem ser analisados de forma isolada. Até porque, como aponta Sontag (1987), a diferenciação feita a partir da sua finalidade em excitar o leitor é “antiética à complexa função da literatura” (p. 44). Sendo assim, analisar *O Caderno Rosa de Lori Lamby* partindo desses conceitos é, indubitavelmente, deixar passar as críticas ferrenhas que se escondem atrás das linhas do romance.

### 2.3 A obscenidade transgressora de Hilda Hilst

*O Caderno Rosa de Lori Lamby* marca o início da escrita erótico-pornográfica de Hilda Hilst. Para além disso, ele concretiza a ruptura da autora com o seu estilo adotado em obras anteriores, estilo esse que já havia sido adotado como definidor de seu trabalho. Assim, para

além do choque causado pela temática envolvendo problemáticas socioculturais, a publicação do *Caderno Rosa* choca também uma sociedade que agora irá conhecer um novo lado de uma autora já estabelecida seriamente no meio literário.

Suas obras anteriores, carregadas de lirismo, preocupação estética e com um foco tão forte no psicológico e no subjetivo, agora dão espaço a publicações obscenas que desconstroem os valores tradicionais, bem como os de gênero. O prestígio que antes fora dado à Hilda em nada a poupa das críticas que recebera ao escolher esse novo caminho literário.

Antes de tudo isso, e apesar de ser dona de uma vasta obra, Hilda, ainda assim, sofria com o silêncio que envolvia o seu nome. A jornalista Heloneida Studart considera que “se Hilda fosse homem já a teriam saudado como um dos nossos escritores mais criativos”<sup>2</sup>. E a própria autora concorda, pois considera que mulher não pode ter um texto forte.

Bataille (1989) reconhece a literatura enquanto transgressora em sua própria essência, pois somente ela “poderia desnudar o jogo da transgressão da lei - sem o que a lei não teria fim - *independentemente de uma ordem a criar*” (p. 22, grifo do autor). Isto é, quando se rompe com a ordem não necessariamente significa que uma outra deve ser criada, pois, por vezes, busca-se romper apenas provocando novas distorções sem preocupar-se com suas repercussões.

A escrita de Hilda trata de temas intensos como morte e loucura e, desde então, já rompia com os estereótipos criados em torno de uma escrita de autoria feminina ao não abordar os temas que eram estipulados como tipicamente femininos. Quanto à escrita erótico-pornográfica, é válido considerar que no contexto ocidental, o que se manifestava era, em sua maioria, a produção de autoria masculina. Logo:

Se falar de sexo é, por si mesmo, uma transgressão, a escrita erótica das mulheres se configura como ainda mais transgressora: conforme estamos discutindo, tratar-se-ia, neste caso, de deslocar as mulheres do lugar de mero objeto para uma posição de enunciadora do desejo, tanto dela quanto de outrem, construindo discursivamente uma representação sobre o erotismo a partir de um específico lugar de fala. (BORGES, 2006, p. 23)

Para Moraes (2008):

Na verdade, o texto erótico só consegue realmente escandalizar quando ele deixa de obedecer às leis do gênero menor, perturbando a zona de tolerância que cada cultura reserva às fabulações sobre o sexo. [...] O escândalo acontece, pois, quando os temas obscenos abandonam o gueto onde se confinam os gêneros inferiores e se associam às expressões legitimadas como superiores. (MORAES, 2008, p. 13-14)

---

<sup>2</sup> In.: WERNECK, Humberto. *Hilda se despede da seriedade*. Jornal do Brasil, 17/02/1990. CEDAE: HH.II.IV.7.2.00037.

Então, é indiscutível o caráter transgressor que a obra hilstiana possui. Hilda é uma escritora que, desde suas primeiras publicações, descontrói e rompe com as ideias preconcebidas, mostrando-se realmente uma mulher à frente da sociedade de sua época. Ainda hoje, é possível reconhecer a natureza revolucionária da escrita da autora. Isso pode contribuir para que a obra de Hilda siga sendo pouco lida e trabalhada, apesar de ser percebida como um elemento inovador na literatura brasileira.

#### 2.4 A pedofilia em Lori Lamby

Como vimos anteriormente, Hilda Hilst é um exemplo de mulher à frente do seu tempo e, consequentemente, não podemos ignorar o seu caráter revolucionário. Ainda assim, é importante chamarmos atenção para o fato de que um dos temas principais apresentados em Lori Lamby é a pedofilia. Nesse sentido, é necessário elucidar como a abordagem dessa temática organiza-se de forma extremamente problemática.

Em um primeiro momento, é importante frisar que a pedofilia consiste em práticas sexuais envolvendo uma criança e um indivíduo mais velho. O pedófilo apresenta um comportamento sexual considerado patológico e, por isso, essas práticas são condenadas socialmente e são classificadas enquanto crime. Destacamos o fato de que, em uma relação envolvendo um pedófilo, a criança nunca é parceira, mas sim o seu objeto, posto que essa apresenta imaturidade sexual (ETAPECHUSK; SANTOS, 2018, p. 8). A criança é, portanto, a vítima e, como tal, sofre sérias consequências diante da inicialização precoce de sua vida sexual.

O que se mostra no caso de Lori Lamby, no entanto, é a construção da criança enquanto figura sedutora. Vemos Lori como uma criança solta, pois os seus pais não parecem lhe impor limites, deixando-a livre para explorar a sua sexualidade de forma intensa e caótica. Além disso, a exposição e exploração do seu corpo também podem ser vistas como escolhas da menina.

Em determinado momento da obra, Lori narra:

Então acho que eu vou pra praia com o moço. Depois eu entendi só um pedaço, que o sexo é uma coisa simples, então acho que o sexo deve ser bem isso de lamber, porque lamber é simples mesmo. Depois eles falavam que a Loirinha gosta de fazer sexo, não é uma vítima, ela acha muito bom. (HILST, 1990, p. 22)

Nessa passagem, podemos notar que, a partir de suas experiências, a jovem começa a desenvolver o seu entendimento sobre o que é o sexo. Por mais que seja preocupante vê-la entendendo o sexo com base em suas relações que podem facilmente deturpar esse conceito, é

ainda mais preocupante ver que, na história, Lori Lamby não é considerada uma vítima das circunstâncias. Ela, na verdade, é tida como uma autora consciente dos seus atos.

Vemos em Souza (2008) que:

Lori Lamby não parece nem um pouco abalada emocionalmente com o que lhe acontece. Nesse e em outros trechos, é patente o prazer que experimenta. A descrição do ato sexual, que avança ainda páginas afora, apesar da dicção infantil, não deixa margem para dúvidas sobre o que está acontecendo entre a criança e o adulto. (SOUZA, 2008, p. 47 apud SILVA, 2019, p. 185)

Assim, temos que reconhecer que Hilda Hilst flerta perigosamente com a temática da pedofilia quando constrói uma personagem de 8 anos de idade que parece ter plena consciência e autonomia para vivenciar a sua sexualidade. A autora trata da pedofilia e da prostituição de uma forma tão natural que chega a ser espantoso. Entretanto, ela aparenta estar ciente do peso dessas temáticas, pois parece amenizá-las a partir das escolhas linguísticas da jovem, trazendo então uma certa leveza por meio do tom sarcástico e irônico que carrega a obra.

### **3 UM POUCO SOBRE A ESCRITA DE HILDA HILST**

#### **3.1 Quem foi Hilda Hilst?**

Hilda de Almeida Prado Hilst (1930-2004) faleceu há dezessete anos e pode ser considerada como um dos grandes nomes no cenário da literatura brasileira. Conhecida por não ter papas na língua, a autora chamava atenção pela sua teimosia ao ir contra os códigos e comportamentos ditados para as mulheres de sua época. Dona de uma obra multifacetada e singular, Hilda lançou-se na escrita de poesia, ficção e dramaturgia e, hoje, recebe o reconhecimento que não teve em vida.

A obra hilstiana tem como temas recorrentes o amor, a morte e Deus. Ao longo de sua trajetória literária, a autora revisita esses temas a medida em que acaba lhes dando novas nuances a partir da consideração de novas perspectivas.

No início de sua carreira, sua linguagem poética se constrói a partir da tradição literária ao passo que, posteriormente, aos poucos, vai adotando uma linguagem que reescreve o passado. Além disso, em seus primeiros livros, adota o caráter oral da poesia, utilizando uma linguagem simples e de fácil entendimento para o leitor. Tal como o trovador que, como lembra Duarte (2014), “aproveita-se do contato direto com seu público para criar uma atmosfera de cumplicidade” (p. 133).

A autora de *Amavisse* é apontada por Alfredo Bosi (1994), na *História Concisa da Literatura Brasileira*, como sendo um dos nomes do “Panorama da Nova Poesia Brasileira”:

Alguns poetas amadurecidos durante a II Guerra Mundial entenderam isolar os cuidados métricos e a dicção nobre da sua própria poesia elevando-os a critério bastante para se contraporem à literatura de 22: assim nasceu a geração de 45. A atuação do grupo foi bivalente: negativa enquanto subestimava o que o modernismo trouxera de libertação e de enriquecimento à cultura nacional; positiva, enquanto repropunha alguns problemas importantes de poesia que nos decênios seguintes iriam receber soluções díspares, mas, de qualquer modo, mais conscientes do que nos tempos agitados do irracionalismo de 22. (BOSI, 1994, p. 464-465)

Fora essa enunciação, recebeu muitas outras menções positivas de grandes nomes da crítica, como Sérgio Milliet, “uma escritora que tão delicadamente é capaz de exprimir as coisas mais simples e mais essenciais”, e Anatol Rosenfeld, “a dramaturgia de Hilda Hilst acrescenta uma nova dimensão ao teatro brasileiro”. Leo Gilson Ribeiro chegou a afirmar que ela era “a mais perfeita escritora em língua portuguesa viva”, além de considerar que escrevia “há vários anos a mais abissal e deslumbrante prosa poética do Brasil posterior à genialidade de Guimarães Rosa”<sup>3</sup>.

Mesmo assim, apesar de tamanha aclamação, a obra de Hilda seguia sendo pouco lida. A autora contava com um pequeno grupo de fiéis leitores e críticos amigos que aplaudiam os seus escritos. À contragosto, sua obra recebeu o rótulo de “difícil”, quando, na verdade, eram poucos aqueles que se debruçavam verdadeiramente sobre seus escritos.

Apesar disso, Hilda Hilst não era nem um pouco modesta ao falar de sua obra, pois, segundo a escritora, sabia que era boa. Todavia, passou a vida publicando seus livros em editoras pequenas e tendo tiragens que normalmente não ultrapassavam os mil exemplares. Isso lhe trouxe bastante indignação, pois, reconhecendo o seu valor enquanto escritora, Hilda sabia que tinha feito o suficiente para ser considerada uma grande autora, mas, em contrapartida, continuava sendo desconhecida para o grande público.

Uma das coisas que mais a incomodava era o silêncio da crítica. Ela queria levar umas “pancadas” da crítica, visto que isso seria mais suportável em contrapartida ao silêncio ensurdecedor que recebia. Em entrevista concedida à TV Cultura, em 1990, por conta do lançamento de *Lori Lamby*, Hilda disse, referindo-se ao livro:

É um ato de agressão. Não é um livro, é uma banana, a Lori, que eu estou dando pros editores, pro mercado editorial. Porque durante quarenta anos eu trabalhei a sério, tive um excesso de seriedade, de lucidez e não aconteceu absolutamente nada. E, agora, eu acho que as pessoas precisam ser acordadas. É muito importante se a pessoa tá

---

<sup>3</sup> In.: WERNECK, Humberto. *Hilda se despede da seriedade*. Jornal do Brasil, 17/02/1990. CEDAE: HH.II.IV.7.2.00037.

dormindo muito tempo, você de repente faz uma ação vigorosa pra que a pessoa se levante<sup>4</sup>.

Hilda, como todo escritor, queria ser lida. De nada lhe adiantaria o reconhecimento se não fosse verdadeiramente compreendida. É possível entender que, com a publicação de *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, livro que concretiza a sua inserção na literatura erótica, a autora provoca uma comoção, pois ela “queria ser cuspida”<sup>5</sup> pela crítica.

A sua intenção com a publicação do livro era lançar farpas ao mercado editorial e, com isso, atrair alguns leitores, não só para esse livro específico, mas também para suas outras obras. Afinal, as pessoas iriam buscar conhecer os outros escritos de uma autora tão polêmica. Hilda, ainda assim, seguiu sendo incompreendida e, infelizmente, não foi reconhecida da maneira como esperava. No entanto, o seu reconhecimento segue crescente após o seu falecimento.

### 3.2 Crítica sobre o mercado editorial

Certa manhã, enquanto lia o jornal, Hilda Hilst se deparou com a notícia de que a escritora francesa Régine Deforges, autora do best seller *A bicicleta azul*, havia tido um lucro de dez milhões de dólares. Esse fato provocou indignação em Hilda que, sabendo da sua capacidade enquanto escritora, percebeu que, se não fosse pela herança recebida de sua mãe, não seria capaz de continuar escrevendo e se sustentar.

Motivada a, enfim, ser capaz de atiçar o público leitor a procurar mais sobre suas obras e, também, a conseguir causar alguma inquietação na crítica literária, Hilda, após anos de uma obra tão sofisticada que lhe rendeu o rótulo de inacessível, inicia a sua conversão incisiva ao gênero erótico-pornográfico.

A publicação de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* foi a sua forma de repetir “o suicídio literário”, utilizado por outros grandes nomes como Bocage e Henry Miller que, “depois de tentarem ganhar a vida escarafunchando os mais recônditos sentimentos humanos, imortalizaram-se por suas obras mais obscenas”<sup>6</sup>.

Com essa mudança abrupta e radical, Hilda tinha alguns objetivos, dentre eles, queria chocar. A autora, a essa altura, já não escondia mais a sua frustração com tamanha incompreensão do seu trabalho. Ela era acusada de utilizar uma linguagem muito difícil e, com

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Hilda Hilst à TV Cultura, 1990. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5yeFhO4G2OQ&t=3s&ab>>.

<sup>5</sup> In.: Werneck, Humberto. *Hilda se despede da seriéidade*.

<sup>6</sup> Uma Obscena Escritora de Respeito. CEDAE: HH. II. 7. 2. 00048, p. 55.

isso, eram poucos os leitores que conseguiam, de fato, entender o que estava por trás do seu texto e de suas intenções.

Se o objetivo era chocar, foi alcançado em cheio, a julgar pela reação das pessoas a quem mostrou os originais. Um amigo, ela conta, o pintor Wesley Duke Lee, achou o Caderno Rosa “um lixo absoluto”. Outro, o médico José Aristodemo Pinoti, ex-secretário da Saúde do estado de São Paulo, considerou que “uma poetisa tão boa nunca deveria enveredar pelo pornô. A escritora Lygia Fagundes Telles, com quem, troca confidências e produção literária desde os anos 50, admite que ficou “meio assustada, aturdida”. (WERNECK, 1990)

Os seus amigos temiam que a publicação de Lori Lamby destruísse o prestígio que fora atribuído à autora. Ela, por sua vez, não parecia se preocupar com isso. Hilda dizia que “a palavra ‘prestígio’ vem do latim ‘praestigiare’, que significa ilusão”<sup>7</sup>. Assim, a escritora se mantinha irredutível e muito segura de sua decisão ao mudar de rumo em sua produção literária.

Além disso, é inegável que Hilda estava usando o seu texto como uma forma de colocar para fora todo o seu desgosto em não ser lida e reconhecida. Por vezes, brincou que ia escrever bandalheiras para ganhar dinheiro, pois era isso que o mercado editorial buscava, e foi levada a sério. No entanto, se esse era um dos seus verdadeiros objetivos, não foi tão bem-sucedida.

Em contrapartida, aborda algumas questões envolvendo o cenário literário brasileiro que chamam a atenção. O primeiro ponto que causa revolta em Hilda é a desvalorização do escritor brasileiro. Um autor internacional, escrevendo a mesma temática, possivelmente, seria lido e aclamado: “Dizem que vou abalar meu prestígio; isso é hipocrisia. Rompem comigo mas continuam admirando Henry Miller, a Anaís Nin, que escreveram também pornografia. Eles podem, autor brasileiro não pode. Isso é provincianismo”<sup>8</sup>, afirmou Hilst.

Era como se, independente do que seria abordado por ele, o escritor brasileiro vivesse fadado a incompreensão e ao fracasso, salvo aqueles que aceitassem participar de alguns esquemas promocionais. Esses sim, seriam bem-sucedidos em termos de venda e até mesmo de crítica. Enquanto isso, um pequeno grupo de bons autores que estariam produzindo ótimos livros, são ignorados pelo leitor.

Essa última, portanto, caracteriza um segundo aspecto acerca do fazer literário no Brasil. Hilda Hilst, nesse momento de sua vida, não poupa o mercado editorial de críticas severas. A publicação do livro reflete uma escritora que, na ânsia de obter algum sucesso de vendas, apela

---

<sup>7</sup> In.: SCALZO, Fernanda. *Hilda vira pornôgrafo para se tornar conhecida e vender mais*. Folha de São Paulo, São Paulo, 1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00038.

<sup>8</sup> In.: PRADO, Luis André. *Lori Lamby, o ato político de Hilst*. O Estado de São Paulo, São Paulo, Caderno 2, Erotismo, Polêmica, p. 4, 14/06/1990. CEDAE: HH. II. IX. 7. 2. 00043, p. 55.

para a pornografia. Nesse sentido, podemos observar que a autora traça um paralelo entre a prostituição praticada por Lori Lamby e a indústria cultural.

Assim, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* constitui um ato político, pois, como aponta a própria Hilda Hilst, “ato político não é só sair com bandeiras ou com uma metralhadora”<sup>9</sup>. Ela, então, critica esse mercado que dita regras e categoriza as obras enquanto ruins ou boas. Consequentemente, a autora também critica as restrições que o escritor acaba sofrendo, quase como uma coação, que limita o fazer literário.

#### **4 ANALISANDO O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY**

##### 4.1 Síntese da obra

À primeira vista, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* é chocante. Sua leitura fere a moral e os costumes daqueles de moralismo mais acentuado. A jovem Lori, em meio a sua inocência e curiosidade pelo saber, conta a sua iniciação na vida sexual. Essa constatação, por si só, não é suficiente para tanta comoção. Exceto pelo fato de que a jovem Lori tem apenas 8 anos de idade e, somado a isso, narra as suas descobertas sexuais a partir da sua prostituição e, consequentemente, da exploração do seu corpo por intermédio dos seus pais.

Por trás de tantas polêmicas, o livro é rico em reflexões que estão ali para agraciar os mais atentos dos leitores, aqueles que decidem ignorar o abalo inicial e se debruçar em uma leitura mais profunda de seu texto. A beleza da obra está em suas referências, nas reflexões que faz acerca dos conflitos envolvendo o mercado, do escritor e acaba, de forma despretensiosa, esbarrando na própria sociedade. Bem como na escolha da pornografia por Hilda Hilst, que foi muito sagaz ao fazê-lo de uma forma tão elegante.

Em suma, o *Caderno Rosa* nada mais é do que o diário de Lori que, assim como qualquer criança, decide escrever os seus segredos e relatar as suas experiências mais íntimas. A diferença consiste no fato da garota, ao contrário de muitos, querer ser lida, o que só é revelado mais adiante na obra. Ela fala dos acontecimentos sem preconceitos e pudor, contribuindo para acentuar a sua inocência.

Em meio às suas histórias, contrastando-se à sua libidinagem, a menina demonstra comportamentos típicos de criança. Ela come leite com biscoito, gosta da Xuxa (ou “Xoxa”) e, mesmo com a natureza de suas experiências, Lori ressignifica tudo a partir de seu ponto de vista acrianhado, validando não só a sua inocência, mas também o seu desconhecimento sobre o

---

<sup>9</sup> In.: PRADO, Luis André. *Lori Lamby, o ato político de Hilda Hilst*.

mundo. Não é à toa que ela se mostra bastante curiosa e questionadora sobre o funcionamento das coisas.

A narrativa é composta por três partes: O Caderno Rosa, que é o diário de Lori Lamby, e o Caderno Negro que, posteriormente, é revelado como sendo pertencente aos escritos de seu pai. Ao final do livro, há a introdução de um novo caderno, cujo nome é “O cu do Sapo Liu-Liu e Outras Histórias”, neste, já não há mais relatos da vida de Lori, trata-se de histórias criadas por ela pensando em uma futura publicação.

Dentre os homens com que Lori se encontra, o que apresenta uma maior interferência na história é o “tio” Abel. Sendo ele o mais recorrente nos relatos, também aparece em meio a uma troca de cartas entre ele e a jovem. O pai de Lori é um escritor, mas não apenas isso, ele é um ótimo escritor. Ainda assim, ele é um homem triste, pois ninguém compra o que ele escreve. O seu carrasco é Lalau, seu editor. Ele critica severamente as obras do homem e vive aconselhando-o a escrever “bandalheiras”, pois são mais vendáveis.

Influenciada pelas sugestões dadas por Lalau ao seu pai, Lori se inspira para escrever o seu diário. O seu intuito é conseguir dinheiro. E ela gosta muito de dinheiro. Inclusive, logo no início, a garota revela que a sua própria caminha cor de rosa foi comprada com os lucros dos seus encontros. Então, somado ao seu desejo de ser lida, Lori Lamby é movida pelo seu interesse por coisas materiais e, sobretudo, em ter dinheiro.

#### 4.2 As epígrafes do caderno

Logo de início, as epígrafes do livro merecem nossa atenção. Primeiro, a dedicatória, “À memória da língua”. Um pouco mais abaixo, na mesma página, uma citação de Oscar Wilde, “Todos nós estamos na sarjeta, mas alguns de nós olhamos para as estrelas”, dialoga com uma citação atribuída à Lori Lamby, “E quem olha se fode”.

Como bem aponta Muzart (1991), “*Á memória de* é em geral, repetindo, um *in memoriam* para alguém que já morreu. E a língua? Já morreu? Que sentido quer dar Hilda Hilst a este ‘à memória da língua?’” (p. 66; grifos da autora). Acerca disso, podemos fazer algumas considerações. No entanto, é preciso avaliar que a crítica construída ao longo do texto pela autora tem como objetivo provocar questionamentos sobre o fazer literário e de como existe uma necessidade em se desconstruir alguns desses padrões.

Para Antônio Cândido (2004):

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia a combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto

a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CÂNDIDO, 2004, p. 175)

É como se pudéssemos entender a literatura como sendo formada por dois segmentos: o primeiro é aquele que confirma, afirma o convencional; já o segundo, é aquele que nega, critica o convencional, isto é, os valores vigentes. Indubitavelmente, *O Caderno Rosa de Lori Lamby* possui, em sua essência, a ruptura como meio para a transgressão. Hilda rompe com a ordem de sua escrita ao aderir ao estilo “jeca-pornô”, ao abandonar uma literatura sofisticada e escolher uma que é tão marginalizada e, por fim, com o seu livro, busca romper com as hipocrisias de uma sociedade moralista.

Dito isso, em princípio, podemos entender essa declaração enquanto um exercício metalinguístico, pois, como afirma Rodrigues (2008), “sugere que há uma linguagem esquecida no/pelo tempo, abrindo uma discussão sobre o valor estético”. Essa discussão, de acordo com a autora, pode ser entendida como um dado autobiográfico, visto que Hilda, durante muitos anos, foi considerada uma escritora de uma “literatura difícil”.

Uma outra forma de entende-la é considerando que a obra confirma o início de Hilda em uma nova literatura. Isto é, como se a autora rompesse com o seu passado e chamasse atenção para o novo. É sabido que Hilda era uma grande entusiasta da língua, então nada mais justo do que chamar atenção para o seu caráter inovador e repleto de possibilidades de renovação.

Além disso, essa citação carrega um sentimento bastante pessimista que cerca a autora em relação ao ato de escrever. Esse sentimento também se faz presente nas citações de Oscar Wilde e Lori que seguem. Quando se encontrar diante de uma situação medíocre, alguns serão capazes de ser sobressaírem por conseguirem enxergar além daquilo. Para Lori, aqueles que enxergam além da mediocridade, se fodem.

Nesse sentido, é importante observar o caráter metalinguístico que aparece nessa passagem também. Na verdade, esse aspecto se mantém presente em toda a obra. Ainda assim, é válido observar que quando escreveu Lori Lamby, Hilda Hilst se enxergava desprezada e esquecida pela crítica. A autora, que tinha o desejo latente de ser lida, enfrentava uma espécie de sabotagem que impedia a sua valorização. Então, é impossível não enxergar o desânimo da autora que transparece nesse momento.

#### 4.3 A língua em Lori Lamby

Em determinado momento do texto, dando uma pausa nos seus relatos, Lori introduz a figura do seu pai à narrativa. Segundo a protagonista, “ele também é um escritor, coitado” (p. 13). Observando o sentido empregado pela palavra “também”, entendemos que Lori se considera uma escritora. Seu pai, por sua vez, é retratado como um escritor frustrado, visto que a própria filha afirma que já o viu triste por ninguém comprar o que ele escreve. Apesar de ele ter estudado - e ainda estudar - muito, não consegue o reconhecimento que gostaria.

Podemos enxergar, em paralelo à construção das personagens que se relacionam à atividade literária, como a própria Hilda se insere na obra, pois, tais personagens não apenas fazem alusão às opiniões da autora, mas, por vezes, suas falas e posicionamentos se mesclam de tal forma que é impossível distinguir quem realmente quis dizer o quê.

Através do exercício metanarrativo Hilst conseguia explicitar a sua insatisfação enquanto escritora à margem do cânone literário. Esse artifício narrativo empregado pela autora consiste em trazer no texto o processo de construção do mesmo, como uma autoconsciência textual, visando uma aproximação do público com o processo criativo do autor; pois faz um exercício reflexivo sobre os desafios do fazer literário. A cronista/poeta queria explicitar no espaço da crônica, as problemáticas que envolvem a produção de textos. (SILVA, s.d.)

A autora chegou a declarar que o *Caderno Rosa* nada mais é do que uma “sátira à própria pornografia, ao relato bem-comportado e à literatura infantil”. Ela queria construir uma crítica em torno do mercado editorial e, para isso, utilizou-se de algumas artimanhas para fazê-lo de maneira ardilosa e extremamente refinada. E, aproveitando-se da situação, o faz a partir de uma obra que não só critica a arbitrariedade e moralismo, como também se torna vítima dele. Hilda Hilst articulou uma atmosfera extremamente jocosa em torno de *Lori Lamby*. Desde sua escrita até a sua divulgação, a autora divertiu-se ao criar um cenário bem-humorado e debochado em torno da obra, sempre aproveitando para lançar um pouco de zombaria naqueles que continuavam sem entender o seu propósito. Todo esse processo acaba por refletir o fato de o livro ter sido apontado como mais um exemplar do mesmo cenário que a autora buscava zombar.

Hilda Hilst é uma escritora que gosta de brincar com os limites da língua. Então, em nada surpreende o fato de seu livro se organizar entorno da língua. Já foi mencionado anteriormente como a autora aborda o caráter revolucionário da língua ainda na epígrafe do livro. Agora, focaremos nesse aspecto enquanto parte do texto.

Lori, em sua iniciação sexual, é apresentada aos prazeres provocados com a língua:

Daí o homem disse para eu ficar bem quietinha que ele ia dar um beijo na minha coisinha. Ele começou a me lamber como o meu gato se lambe, bem devagarinho, e

apertava gostoso o meu bumbum. Eu fiquei bem quietinha porque é uma delícia e eu queria que ele ficasse lambendo o tempo inteiro. (HILST, 1990, p. 9)

Além disso, o seu diário também reflete uma outra iniciação que também é provocada pela língua, dessa vez, não mais na qualidade de órgão anatômico, mas enquanto linguagem. Lori chega a mencionar no seu diário que às vezes, ao ficar sentada na escada, escuta as conversas do pai com seus amigos. Numa outra situação, menciona que ouve os pais conversando quando estão trancados no escritório. Ela também presencia as conversas entre o seu pai e o editor, Lalau, chegando a interagir diretamente com o homem em alguns momentos. Não podemos esquecer também do contato que ela tem com os grandes nomes da literatura que se fazem presentes nas estantes de sua casa.

Então, cabe ao leitor imaginar a influência que estar inserida em um cenário que envolve tanto a literatura e a escrita exerceu sobre ela. Na verdade, não precisamos ir muito longe, pois a própria Lori confessa que é “por isso agora eu estou escrevendo a minha história, porque ele também fica escrevendo a história dele” (p. 14), referindo-se ao pai.

“Então papai veio dar uma espiada no que ele chama agora de “relato”. “O meu relato”. E disse que estava muito monocórdico. Eu já perguntei o que era monocórdico e ele disse: leva um bom dicionário de uma vez, você pergunta muito”. (HILST, 1990, p. 20)

E assim ela o faz: “Papi disse quando eu pedi isso pra eu deixar de ser mongolóide. Eu não sei o que é mongolóide, depois vou procurar no dicionário que eu tenho” (p. 13-14). Fazendo jus ao caráter metanarrativo da obra, bem como Hilda Hilst, em Lori Lamby, deparamo-nos com o “mais extremado amor pela língua”<sup>10</sup>.

Sabe-se que o intuito da autora era escandalizar todos que tivessem contato com a sua obra. O fato é que ela não poupou esforços para isso. Outro aspecto que contribui nessa provocação ao leitor é a escrita utilizada pela personagem. Distanciando-se de sua antiga literatura, Hilda abre mão de sua apreciada linguagem elaborada e sofisticada e deixa que Lori se manifeste através de um linguajar típico de uma criança.

Ainda assim, é válido ressaltar o fato de que a linguagem utilizada por Lori Lamby não deixa de atribuir valor estético à obra. Pelo contrário, a escolha de palavras utilizadas por ela reflete o caráter multifacetado de Hilda Hilst enquanto escritora. O uso de diminutivos, por exemplo, foi feito satiricamente a fim de ridicularizar o fato de estarem presentes no uso literário e no próprio cotidiano. Dessa forma, a obra demonstra a estética erótico-pornográfica e o fato de ela ser tão elaborada quanto a estética utilizada em obras eruditas.

---

<sup>10</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. *Notas marginais sobre o erotismo: o Caderno Rosa de Lori Lamby*, p. 67.

Durante o processo de aquisição da escrita, é comum que a criança faça uma associação com a oralidade, de modo que traços dessa categoria apareçam de forma recorrente em sua escrita. Tal qual uma criança, Lori utiliza uma linguagem informal, característica da modalidade oral, repleta de inconsistências gramaticais, como falhas na pontuação e na própria organização do texto, que se apresenta repleto de repetições.

“Aí ele tirou da malinha dele uma pasta que parecia pasta de dente grande e apertou a pasta e deu para eu experimentar e tinha o gosto de creme de chocolate. Ele passou o chocolate no piupi dele, aí eu fui lambendo e era demais gostoso”. (HILST, 1990, p. 10)

Além disso tudo, a garota ainda faz uso de muitos diminutivos e, ao relatar os seus encontros sexuais, chama atenção as associações feitas pela menina, relacionando tais situações repletas de indecência a cenários do imaginário infantil. Esse último, por sua vez, desdobra-se em outros dois pontos. O primeiro se dá pelo fato de Lori, apesar de tudo, ter pouca vivência e ainda não conhecer todos os recursos da língua, por isso tem uma certa limitação ao se expressar – o que não a impede de fazê-lo. A jovem inclusive, ao longo do texto, questiona o uso e sentido das palavras, elucidando a sua curiosidade em entender o funcionamento da língua.

O segundo consiste na intenção da autora de criar um grande contraste entre a ingenuidade de Lori e a lascívia que se faz presente em seus relatos. Esse jogo, entre inocência e vulgaridade, contribui na construção de uma personagem praticamente amoral, uma vez que, para Lori, é como se não houvesse palavras feias. Ela reproduz todas elas sem lhes atribuir um valor pejorativo.

Em suma:

As crianças escrevem como falam. Lori não foge à regra: seu relato é repleto de construções do tipo “e aí o tio disse que”, “e aí a mami falou que”, “e aí o papi pegou e disse que”, etc., etc. Narração automática e imediata, a escrita do *Caderno Rosa* é quase toda organizada segundo a fala. No mundo infantil impera o registro oral. Tanto que Lori só interrompe o seu relato para substituir o prazer de falar - narrar pelo de comer bolo ou biscoitos. Assim também expressa-se a curiosidade pueril da personagem pela língua, tratada simultaneamente como zona erógena e como vocabulário. (MORAES, 1990)

Por fim, chamamos atenção para a mais clara referência da língua presente no texto: o nome da personagem. “Lamby” relaciona-se com a terceira pessoa do singular do verbo lamber que, como já mencionado, caracteriza esses momentos da iniciação de Lori cujo prazer é, quase majoritariamente, obtido pelo ato de lamber e ser lambida. Fora isso, vemos em Rodrigues (2008) uma outra interpretação, que observa como o “recurso gráfico da letra “y” remete à

imagem da língua enquanto órgão ou mesmo do corpo humano, num movimento de pernas abertas para o ato do sexo oral”.

#### 4.4 As alegorias do Caderno Rosa

Nesse ponto, é inquestionável que *O Caderno Rosa de Lori Lamby* faz uma crítica severa ao mercado. Podemos acrescentar ainda que ele reflete sobre o consumo e o fazer literário a partir da relação existente entre escritor e sociedade. Considerando os conceitos de erótico e pornográfico, reforçamos a ideia de que classificar um livro com base em conceitos tão frágeis é extremamente limitador.

Sendo assim, como diz Eliane Robert Moraes (1990) em seu texto utilizado no prefácio do livro, não há dúvidas de que o *Caderno Rosa* é um livro obsceno e, portanto, poderia ser catalogado ao lado de textos semelhantes, “seria, entretanto, um equívoco rotulá-lo como ‘mera pornografia’ de apelo comercial”. Ou, nas palavras da própria Hilda:

A pornografia não existe. Porco, sujo, indecente, imundo, ninguém sabe o que é isso. Até a Liga das Nações Unidas teve dificuldade pra definir o que é pornografia. Para escritores como Henry Miller ou D. H. Lawrence a pornografia só existe na cabeça de quem a lê ou aprecia. Precisamos definir esses conceitos. Hamlet foi considerado pornografia no tempo de Cromwell. Um livro como *O Amante de Lady Chatterley* é de uma delicadeza espantosa.<sup>11</sup>

Então, podemos reconhecer a obscenidade presente no livro, bem como, considerando todos os seus aspectos, não somos capazes de ignorar a intenção pornográfica que aparece nele. No entanto, não é plausível enxergá-lo única e exclusivamente através desse viés tão restritivo.

Hilda optou por fazer uso desse gênero deliberadamente, pois era uma forma explícita de materializar a sua crítica. Tanto que, no decorrer do texto, não podemos deixar de notar o caráter metanarrativo que surge ao longo das páginas. Assim, a natureza pornográfica da obra é algo que vem, na verdade, em segundo plano. O que deve ser considerado é que a pornografia e o erótico foram utilizados no *Caderno Rosa* como um instrumento de confronto.

Se considerarmos o conceito de paródia, como o que está presente no *Dicionário de Termos Literários* (2004), vemos que Massaud Moisés trata desse conceito considerando sua relação com o ridículo, com a censura e a crítica. De acordo com o autor, a paródia consiste em

---

<sup>11</sup> In.: ARAÚJO, Celso. *Inocência Escandalosa*.

imitar, seja cômica ou satiricamente, o tema e/ou a forma de uma obra séria. A sua intenção baseia-se em ridicularizar um estilo dominante que possua características relevantes.

Dessa forma, portanto, temos que reconhecer que o texto hilstiano caracteriza, até certo ponto, uma paródia da relação da própria Hilda com o mercado editorial que, através de uma organização complexa feita pela autora, constrói um texto que se baseia tanto em um conteúdo estético relacionado à literatura erótico-pornográfica, quanto na crítica à situação envolvendo o cenário literário e o mercado.

Em determinado momento, o pai de Lori diz:

“Gênio é a minha pica, gênios são aqueles merdas que o filho da puta do Lalau gosta, e vende, VENDE!, aqueles que falam da noite estrelada do meu caralho, e do barulho das ondas da tua boceta, e do cu das lolitas”. (HILST, 1990, p. 71)

Vemos, então, a manifestação da presença ficcionalizada da autora. Ela que chegou a dizer que “o mercado não gosta de escritor que pensa”, critica de forma audaciosa um mercado que preza pelos *Best sellers*, isto é, focam em recordes de vendas e esquecem de valorizar sua qualidade artística. A própria Hilda, em diversos momentos, mencionou a sua frustração em não ter o seu valor enquanto escritora reconhecido.

De forma irônica, a autora tece uma crítica a respeito da existência de uma suposta superioridade das elites formais. Para tanto, além de mencionar grandes nomes da literatura como Machado de Assis, José de Alencar, Georges Bataille, representantes da “alta” literatura, ela o faz a medida em que os aproxima da mais descarada pornografia.

Em um dos seus encontros com o tio Abel, encontramos o seguinte diálogo:

Aí nós chegamos no hotel e ele falou que eu ia dizer que eu era filhinha dele.

- Que tal? – ele disse.  
- Está bem – eu disse.

Depois eu falei: tio Abel, o senhor também gosta de brincar de papai? Porque um outro homem também gostava. Ele disse que todo mundo é porco e gosta, só que não fala. Eu disse: é porco brincar de papai?

- É porco sim, mas toda a humanidade, ou pelo menos noventa por cento é gente muito porca, é lixo, foi um grande homem também porco que disse isso. O tio Abel que disse. (HILST, 1990, p. 26)

Lori revela mais para o fim da história que o tio Abel não passa de uma invenção sua. O nome fora escolhido por ela por este ser mencionado em seu catecismo. Logo, sem poupar até mesmo referências bíblicas, Hilda as utiliza como instrumento para refletir sobre como a sociedade consome tais “bandalheiras” e, ao mesmo tempo, a crítica por escrevê-las. Afinal, a questão levantada por Hilda reside justamente no tratamento dado aos verdadeiros escritores.

A autora trata desse ponto como a verdadeira indecência denunciada em sua obra, visto que, para ela, o seu livro não tem nada de pornográfico.

Então o papi falou pra mami calar a boca mas mami começou a falar sem parar, ela disse que o bom mesmo era ele escrever do jeito do Henry Miller, que:

“Você quer saber, Cora, eu acho o Henry Miller uma pústula (Cora é o nome da mami), isso mesmo, uma pústula, uma bela cagada.

“Você tem coragem de dizer que o Henry Miller é uma pústula?”

“Tenho, e quer saber? sua judas, eu trabalhei a minha língua como um burro de carga, eu sim tenho uma obra, sua cretina”. (HILST, 1990, p. 57)

Nessa passagem, a mãe de Lori cita Henry Miller, que foi um escritor americano que revolucionou o meio literário ao adotar uma literatura erótica. Por conta disso, algumas de suas obras chegaram a ser proibidas em diversos países. Para o pai da garota, Henry Miller caracteriza o escritor de “bandalheiras”, enquanto ele trabalhou a sua língua e tem, de fato, uma obra. Essa menção faz uma metáfora com o que está doente na sociedade. Isto é, é como se a existência desse tipo de autores contribuísse ainda mais para o rebaixamento de obras literárias complexas daqueles que “trabalham com a língua” pois, por não se encontrar sob proteção do mercado, sempre podem fracassar.

Ainda assim, para a construção desse texto de caráter paródico, a autora utiliza alegorias. Massaud Moisés (2004) define que:

A alegoria constitui, por conseguinte, uma ‘espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso’, - um discurso que, como revela a etimologia do vocábulo, faz entender outro ou alude a outro, que fala de uma coisa referindo-se a outra, - uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra. (LAUSBERT, 1966-1968, III: 311 apud MOISÉS, 2004, p. 14)

Em outras palavras, podemos entender a alegoria como sendo uma espécie de discurso que, inicialmente, possui um sentido próprio, mas, na verdade, a sua função é tornar comprehensível um sentido que não está expresso. Segundo o autor, na alegoria vemos que o “aspecto material funciona como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional”.

A partir disso, iremos analisar quais os elementos do texto que caracterizam as alegorias. Podemos iniciar com a figura do editor algoz que se apresenta como Lalau. Após dizer que já viu o seu pai triste por ninguém comprar o que ele escreve, Lori menciona o editor como sendo aquele que sugere a seu pai que comece a escrever bandalheira.

- Papai é um escritor – eu disse.
- É um grande escritor.
- Mas ninguém lê ele.

- É, mas agora vão ler.
- Por quê?
- Porque ele vai contar uma história do jeito que o Lalau gosta. (HILST, 1990, p. 24)

O personagem Lalau não aparece muito na obra, mas quando aparece, ele vem para criticar e tecer comentários acerca da obra do pai de Lori, o que lhe causa tremendas crises. O pai da garota muda o seu jeito de escrever para que possa ser lido. Ele é estudioso, muito inteligente, um gênio, mas isso não basta para que ele seja reconhecido. A obra do pai de Lori Lamby, assim como a de Hilda Hilst, não atende as expectativas do mercado editorial.

Mercado esse que se materializa na presença do editor que foca apenas no número de vendagem e, por isso, dá preferência a uma literatura tão superficial e sem muitos significados, visto que, “Lalau vomita só de ouvir a palavra poesia” (HILST, 2004, p. 61). As instruções do personagem são, inclusive, responsáveis pela escrita do *Caderno Rosa*. Uma vez que a garota se encontra no meio de toda essa situação, sendo levada pela vontade de ajudar ao pai, ela escreve em seu diário com o intuito de agradar ao Lalau.

Além disso:

Outro aspecto relevante à observação é perceber como é sábia a escrita irônica de Hilst de fazer com que Lori reconheça o editor de seu pai como tio Lalau, fazendo intertextualidade com o discurso popular de que Lalau significa ladrão, bem próximo do que se deixa depreender da figura do editor contemporâneo que está mais interessado em lucrar do que em produzir algo de qualidade aos leitores. (SILVA, 2019, p. 186)

Sobre a escrita em seu diário, vemos:

Fiz bastante diálogo, e agora vou continuar sem diálogo. Por causa daquilo que eu já expliquei do caderno que não é muito grosso. Porque eu ouvi também o Lalau dizer pro papai que não era pra ele escrever um calhamaço de putaria (desculpe, mas foi o Lalau que disse), que tinha de ser médio, nem muito nem pouco demais, que era preciso ter o que ele chamou de critério, aí o papai mandou ele a puta que o pariu (desculpe de novo gente, mas foi o papai que falou), então deve ser nem muito grosso e nem muito fino, mas mais pro fino, e por isso, eu também, se quiser ver meu caderno na máquina do tio Lalau, não posso escrever dois cadernos, senão ele não põe na máquina dele de fazer livro. (HILST, 1990, p. 30)

Essa fala pertence à personagem Lori. Nela, podemos discutir um pouco acerca da escolha do diário enquanto meio para contar as suas histórias. Primeiramente, sabemos que a motivação da garota é fazer com que Lalau publique o seu livro, então nada surpreende quando ela segue suas orientações. Na verdade, orientações que foram dadas ao seu pai. De qualquer forma, podemos notar a influência da opinião do editor sobre o trabalho do escritor.

Além disso, vemos como isso limita o fazer literário, a partir do momento em que não abre espaço para aquele que escreve as obras colocar os seus verdadeiros pontos de vista naquilo

que escreve. A opinião do autor não vende, então não há necessidade de ela ser colocada à mostra. Isso se apresenta na própria escrita do *Caderno Rosa* que não passa de relatos ficcionais da própria Lori misturados com escritos de seu pai.

A escolha de Hilda Hilst em fazer a sua obra como transcrita em um diário torna-se mais uma demonstração desse caráter limitador e de como ele se manifesta na escrita. O diário, por si só, constitui um livro pequeno no qual são feitos relatos acerca daquele que o escreve. É uma espécie de autobiografia narrada em primeira pessoa. Um diário esconde segredos, o que aponta para o fato de que o diário de Lori é, na verdade, uma farsa criada pela garota.

Dessa forma, é importante reconhecer como a escolha de um instrumento tão limitante quanto o diário reflete na falta de liberdade encontrada pelo escritor. O diário de Lori não pode ser “nem muito grosso e nem muito fino, mas mais pro fino” se ela quiser ter alguma chance devê-lo sendo colocado na máquina de Lalau. Do mesmo modo, Hilda, que se inicia na escrita erótico-pornográfica, precisa ter critérios e não acabar escrevendo um “calhamaço”.

estreando na categoria erótico-pornográfica com a publicação de *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, Hilda Hilst tem o mesmo problema que seus personagens, “a busca de uma via expressiva” (MORAES, 2008, p. 12). Isto é, a autora também precisa lidar com o penoso trabalho de tratar “dos dilemas da representação do sexo”.

Por fim, uma outra questão que se constrói na obra é a da prostituição enquanto alegoria para representar o escritor que se vende ao mercado editorial e essa, por sua vez, mostra-se de forma bastante explícita. No início, o leitor fica sabendo que Lori se prostitui por intermédio dos seus pais e toda essa construção em torno de uma empresa familiar reflete a concepção de uma produção literária como também sendo fruto da prostituição.

O pai de Lori é um escritor mal-sucedido e, por isso, acaba aceitando o projeto proposto pelo editor de escrever “bandalheiras”. O que podemos perceber é que a escrita do pai se funde à escrita de Lori que, para o leitor, pode ser vista como a protagonista da história que está sendo escrita pelo seu pai. E a autora lança algumas pistas ao longo do texto, como a seguinte fala, que faz uma alusão à viagem de Lori e tio Abel à praia:

Papi diz: (aos gritos) “E onde é que está aquele puto que foi viajar e me mandou escrever com cenários, sol, mar, ostras e óleos nas bocetas, a menina já está toda torrada de sol e varada de pica, ó meu deus, onde é que está aquele merda do Laíto que pensa que programa de saúde com ninfetas dá ibope, hein? Eu quero morrer, eu quero o 38, onde é que tá?”. (HILST, 1990, p. 64)

Como consequência de sua “venda” à esse projeto, o pai de Lori é acometido por diversas crises, nas quais ele surta por estar fazendo parte dessa situação arbitrária.

Aí mamãe falou pra ele se ontolar, quero dizer se controlar, e papi falou que ia se ontolar pra não matar o Lalau, e fazer ele, o Lalau, engolir aqui ó, com a porra da minha pica (a de papi) todos os livros dos punheteiros de merda que ele gosta, que ele papi vai morar em Londres LONDRES! e aprender vinte anos o inglês e só escrever em inglês porque a fedida da puta da língua que ele escreve não pode ser lida porque são todos ANARFA, cora, ANARFA, Corinha, e depois todo espumado gritou: “Eu sou um escritor, meu Deus! UM ESCRITOR! UM ESCRITOR!!!, vou fazer um pato (o que será, hein tio?) com o demônio, vou vender a alma pro cornudo do imundo!. (HILST, 1990, p. 71)

Diante das crises do pai, fica evidente que fazer parte do mercado arbitrário, pode até trazer algum prestígio, mas não traz a satisfação pessoal. Pelo contrário, vender-se para esse projeto desperta no pai de Lori um descontentamento enorme em ser escritor dentro desses termos. Ele passa por um processo de desconhecimento de si mesmo em que, em algumas vezes, demonstra certa perturbação com relação a sua escrita.

O pai de Lori e Hilda Hilst possuem algo em comum além do ressentimento por não serem reconhecidos pelos leitores. Ambos denunciam os descasos a que se destinam os escritores brasileiros, refletindo sobre a árdua tarefa de escrever em um cenário nacional tão limitador e que, por si só, tende a não valorizar as suas produções. Como aponta Borges (2009), “Em um país como esse, um/a escritor/a só poderia ser bem-sucedido/a em dois casos: escrevendo canalhices ou vendendo a alma para o diabo” (p. 128).

A autora também chama atenção para o fato de, assim como Hilda, Lori manifestar o desejo de escrever para salvar “do fracasso da obra, do fracasso pessoal e do enlouquecimento”.

O pai, leitor de Nietzsche e de outros filósofos, poderia, segundo ela, ter escrito uma obra expressiva. No entanto, não apenas a vida literária, mas toda a sua existência prática se anulou em nome da loucura, o maior fantasma e o maior medo de Hilda. Então, tomou para si a tarefa de revivê-lo, de resgatá-lo através de sua obra poética, assim como Lori toma para si a tarefa de salvar o pai da loucura iminente e do fracasso frente ao editor. Ainda assim, os pais acabam indo para uma casa de repouso depois da descoberta do caderno e do surto. Indício de que Hilda não conseguira? Talvez. (BORGES, 2009, p. 129)

Em suma, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, por meio de um discurso metanarrativo faz uma crítica à arbitragem do mercado editorial, ao fazer literário e a relação existente entre escritor e sociedade. Hilda, através de um texto jocoso e irônico, busca tocar nas feridas que assolam uma sociedade machista, patriarcal, preconceituosa e hipócrita.

O uso deliberado do erótico e pornográfico foi a forma encontrada pela autora para confrontar esses aspectos. Se Hilda fracassou em seu projeto? Para Moraes (1990):

Fracassar significa, neste caso, a possibilidade de arriscar outras formas do dizer literário. Supõe liberdade – e também coragem – de excursionar por regiões ainda não devassadas pelo gênio criador do artista, correr o risco do desconhecido. Em outras

palavras, fracassar significa transgredir. (MORAES, 1990 apud BORGES, 2006, p. 26)

Logo, para além de um livro que aborda a temática erótico-pornográfica, ele faz uma crítica radical à hegemonia do lixo cultural, a existência de uma suposta superioridade das elites intelectuais, além de propor uma elegante reflexão sobre o ato de escrever e da existência de possibilidades de jogar com os limites da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras e análises feitas, podemos concluir que *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, apesar de possuir características do erótico-pornográfico, propõe válidas reflexões acerca do mercado editorial e da supremacia do lixo cultural. Classificá-lo enquanto uma pornografia que objetiva o apelo comercial é abdicar às críticas implacáveis sobre aspectos tão significativos da nossa cultura, visto que também alcança a relação entre o escritor e a sociedade.

Em vista dos argumentos apresentados, é possível perceber que a classificação desse livro como pornográfico corresponde a uma necessidade de se classificar e rotular toda produção literária. Erótico e pornográfico são conceitos que possuem limites muito tênues, o que contribui para uma classificação limitante e, eventualmente, equivocada.

A obscenidade que reside nele está além da linguagem vulgar e explícita adotada pela autora, mas, na verdade, se estende à crítica tecida por ela ao espaço ocupado pelo escritor em um mercado que visa o lucro. A pornografia em Lori Lamby aparece como um recurso, como um meio encontrado por Hilda para alcançar seus objetivos.

Este trabalho buscou analisar quais os elementos do texto que, assim como a própria pornografia, serviriam como alegorias que tornam acessíveis o verdadeiro sentido da obra, aquele que não é expresso no corpo do texto. A partir da classificação de Massaud Moisés (2004), percebemos que, somada à construção erótico-pornográfica, a personificação de um editor alagoz revela como o processo de escrita se torna penoso e incômodo para aquele que pensa por conta própria.

Além disso, estudar esses aspectos nos revela que a insatisfação e descontentamento da autora vão além do mercado editorial. A sua indignação mora também no fato de a sociedade consumir uma mercadoria fútil e desconsiderar a obra de escritores que não estão dispostos a participar desse projeto de vendas. Assim como a própria Hilda, que, mesmo sem querer, foi

rotulada como difícil e, por fim, decidiu transgredir para uma literatura tão polêmica quanto a erótico-pornográfica, para se tornar consumível.

Em meio ao patriarcado e cercada por valores tradicionais, Hilda rompe com os limites que lhe foram impostos e toca na ferida de uma sociedade hipócrita. Abandonando uma literatura “séria”, ela, apesar de não ser aceita, não teme ao aproximar sua escrita daquilo que é marginal. Dessa forma, utiliza todo o prestígio que lhe fora dado no passado, para perturbar a ordem em meio a um mar de futilidade.

Partindo dos estudos de Moraes (2008) e Borges (2009), somos capazes de reconhecer o caráter transgressor e revolucionário de Hilda Hilst. Se, na data da publicação de Lori Lamby, ela já podia ser considerada uma mulher à frente do seu tempo, hoje essa denominação ainda é válida. A sua obra é rica, mas possui uma leitura desafiadora. Não são todos que aceitam o desafio de explorar a obra hilstiana.

Apesar disso, Hilda Hilst enfrenta o mesmo obstáculo até hoje: ela segue sem receber o devido reconhecimento pelo seu trabalho. Sua obra ainda é pouco lida e trabalhada, salvo pelo viés acadêmico. Ainda assim, ela ainda não é discutida o suficiente e, como consequência, não se costuma notar a natureza inovadora que traz para a literatura nacional. Mesmo depois de tanto tempo, Hilda segue sendo uma peça disforme do quebra cabeça que é o cenário da literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Celso. **Inocência Esndalosa.** *Jornal de Brasília*. Distrito Federal, Caderno 2, 24/05/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00040.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal.** Tradução: Suely Bastos. L&PM: Porto Alegre, 1989.
- BORGES, Luciana. **Sobre a obscenidade inocente:** O Caderno Rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst. OPSIS – Revista do NIESC, vol. 6, p. 20-32, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Literatura erótica de autoria feminina: questões de sexualidade e gênero.** I Congresso Internacional do Curso de História da UFG/Jataí-GO e 7ª Semana de Letras – Gênero, Cultura e Poder, Goiás, setembro a outubro/2010.
- \_\_\_\_\_. **Narrando a edição:** escritores e editores na Trilogia obscena, de Hilda Hilst. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, nº. 34, p. 117-145, 2009.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In.: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Outro sobre Azul, 2011.
- DUARTE, Edson Costa. **As várias faces da poesia de Hilda Hilst.** Nau Literária, Porto Alegre, 1981-4526 - vol. 10, N. 02, p. 132-140, JUL/DEZ 2014.
- DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura.** São Paulo: Ática, 1985.
- ETAPECHUSK, Jéssica; SANTOS, Wenner Daniele Venâncio dos. **Um estudo sobre o sujeito pedófilo, uma visão da psicologia.** Psicologia.PT - O Portal dos Psicólogos, ISSN 1646-6977, p. 1-30, 2018.
- FRANCISCO, Ronnie. **Na falha da gramática, a carne:** a pornografia em Hilda Hilst. Tese (Mestrado em Letras/Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.
- HILST, Hilda. **O Caderno Rosa de Lori Lamby.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.
- HUNT, Lynn (org.) **A Invenção da Pornografia:** Obscenidade e as Origens da Modernidade. Tradução: Carlos Szlak. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MORAES, Eliane Robert. **A obscena senhora Hilst.** *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 12/05/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00039.

\_\_\_\_\_. **A prosa degenerada de Hilda Hilst.** In.: **Poetas mulheres que pensaram o século XX.** GOMES, Cleusa; PRZYBYCIEN, Regina (orgs.). Curitiba: UFPR, 2008.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Notas marginais sobre o erotismo:** O Caderno Rosa de Lori Lamby. Travessia, Santa Catarina, N. 22, p. 63-70, 01/01/1991.

PAES, José Paulo. **Erotismo e poesia:** dos gregos aos surrealistas. In.: **Poesia erótica em tradução/seleção**, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAIM, Camile Cotta. **O Caderno Rosa de Lori Lamby:** A crítica, a obscenidade e a provocação em Hilda Hilst. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

PRADO, Luis André. **Lori Lamby, o ato político de Hilst.** *O Estado de São Paulo*. São Paulo, Caderno 2, Erotismo, Polêmica, p. 4, 14/06/1990. CEDAE: HH. II. IX. 7. 2. 00043, p. 55.

RODRIGUES, Tatiana Franca. **O meta-discurso em Lori Lamby:** por que não se deve olhar para as estrelas. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências, USP – São Paulo, julho/2008.

SANTOS, Hamilton dos. **Um caderninho picante.** *Playboy*, [s.l.] Prazeres Culturais, maio/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00042, p. 55.

SCALZO, Fernanda. **Hilda Hilst vira pornógrafa para se tornar conhecida e vender mais.** *Folha de São Paul*, São Paulo, 11/05/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00038.

SILVA, Antonio Edson Alves da. **Hilda Hilst e o Caderno Rosa de Lori Lamby:** uma análise de discurso pornográfico. Interfaces, vol. 10, n. 4, p. 175-193, 2019.

SILVA, Luciana D'Ávila da. **A escrita da margem:** Crônicas de Hilda Hilst sobre o descontentamento.PUCRS, [s. d.].

SONTAG, Susan. **A vontade radical:** estilos. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WERNECK, Humberto. **Hilda se despede da seriedade.** *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17/02/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00037.

WILLER, Cláudio. **O conflito entre a sociedade e o escritor.** *Folha de São Paulo*. São Paulo, Jornal da Tarde, Caderno de Sábado, Biblioteca, 26/05/1990. CEDAE: HH. II. IV. 7. 2. 00041, p. 55.